

Módulo V – Intervenção

Métodos Terapêuticos e Teorias de Intervenção

Na maioria dos casos, o conjunto de uma diversidade de técnicas poderá resultar na obtenção de resultados bastante satisfatórios, embora cada caso seja um caso e, cada indivíduo autista seja um SER diferente (Gerlach, 2000).

Sabemos então que existem diversos tipos e teorias de intervenção destinadas a indivíduos autistas, não sendo possível porém, a existência de um tratamento único e eficaz.

Ao invés disso, e visto que a criança autista poderá apresentar um problema grave, incapacitante e permanente, existem formas de proporcionar/treinar o indivíduo autista ao nível de desenvolvimento, de modo a que venha a ser capaz de viver a sua vida da melhor forma e mais independentemente possível.

Os métodos e técnicas mais utilizados nestes casos desenrolar-se-ão ao nível comportamental.

Crianças autistas poderão revelar comportamentos agressivos que, caso não sejam corrigidos a tempo, poderão tornar-se severos e requerer medidas drásticas de tratamento. Assim sendo, quanto mais cedo forem aplicadas modificações do comportamento inadequado da criança autista, mais facilmente será possível evitar que no futuro seja necessário o uso de medicamentos ou até da institucionalização ou do internamento.

Para os pais de autistas (como principais e primeiros professores de seus filhos) poderão surgir programas orientativos de modo a que possam auxiliá-los e educá-los da melhor forma possível e adequada à sua perturbação. Nestes casos, a escolha do espaço de ensinamento destas crianças deverá ser um factor importante a ser tido em conta visto que, estas necessitam de condições especiais e adequadas às suas incapacidades e défices.

Um técnico especializado poderá ainda ajudar os pais e outros familiares a resolverem situações de tensão. Ou seja, existirão certamente casos de irmãos de autistas que sentem os segundos como alvo de preferência de seus pais, contribuindo para sintomas de ciúme e abandono dos primeiros.



A vergonha que a presença de um parente autista poderá ser sentida por alguns, aquando a recepção de visitas em suas casas (por exemplo), poderá surgir também (ainda que infelizmente). Estes casos mencionados poderão proporcionar diversos tipos de problemas emocionais nos familiares de autistas.

Assim, será necessário que o dito técnico especializado providencie toda a ajuda e informação possível a estes, de modo a que também possam contribuir para um melhor ambiente e estímulos adequados necessários para surgirem bons resultados ao nível de aprendizagem dos indivíduos portadores da Perturbação do Espectro do Autismo (Freire, 1999).

Dada a complexidade do síndrome do autismo considerou-se então pertinente especificar um pouco mais a diversidade de métodos terapêuticos que poderão ser utilizados nestes casos.

Pedagogia

Um trabalho pedagógico correcto e adequado poderá fazer grande diferença. Compreender, entender e respeitar as diferenças e características que uma criança autista apresenta, poderá ser extremamente fulcral no que diz respeito à forma como essa se irá situar perante o mundo. Porém, em conjunto com técnicas mais tradicionais e, sem menor importância (psicopedagogia, terapia da fala, terapia ocupacional) existe uma diversidade de terapias específicas para indivíduos que apresentem o síndrome do espectro de autismo (Howlin & Rutter, 1987).

Musicoterapia

Acredita-se que a utilização do “cantar” e de determinados instrumentos musicais poderá ser bastante útil como método terapêutico e de tratamento para este tipo de síndrome.

A música consiste em algo que já havia sido utilizado como método terapêutico à muitos anos atrás, tendo os primeiros registos sido encontrados em diversas obras de filósofos gregos pré-socráticos.

Esta é uma ciência onde o uso da música, do ritmo, da melodia e harmonia, expressão corporal, da dança e outros dos mais diversos tipos de comunicação não-verbal surgem com objectivos terapêuticos. Os intervenientes/pacientes poderão ser qualquer sujeito, com qualquer patologia (ou sem ela), beneficiando deste método terapêutico

individualmente ou em grupo. O objectivo principal a promover será a prática de actividades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas.

É um método que tem vindo a apresentar resultados positivos em indivíduos que apresentam deficiências motoras e mentais, autismo, idosos, entre outros, sendo uma equipa multidisciplinar que os acompanha.

Yoga

Tem como origem a Índia e consiste num conjunto de práticas de grande antiguidade de foro espiritual hindus, sendo que estes constituem uma importante tradição e um meio para atingir a “iluminação”.

Surge como sinónimo de união do “eu” ou da consciência individual com o espírito divino interior, tendo como denominação: “samadhi”. A Yoga não deixa de ser então uma filosofia e caminho a seguir para que o indivíduo possa libertar-se dos obstáculos que o impedem de atingir a união pretendida.

Segundo os apoiantes desta filosofia de vida, a Yoga simboliza a detenção (intencional) da actividade espontânea da substância mental. Ainda segundo estes, a mente passa a ser comparada com a superfície de um lago, agitando-se devido a qualquer tipo de toque.

Os principais objectivos da Yoga passam então por promover a plenitude e calma dessas mesmas ondas que poderão formar-se nesse mesmo lago, para que o espelho de água possa reflectir a calma das profundezas. Os obstáculos que os apoiantes da Yoga consideram serem passíveis de expulsão poderão surgir sob a forma de cinco estâncias: (a) a ignorância (o principal); (b) sentimento do eu; (c) paixão; (d) repulsa; (e) apego à vida.

Em suma, o objectivo desta prática em crianças autistas será o de proporcionar uma plenitude, uma calma, e unificação do “eu” neles, contribuindo ainda para que o autista “deixe de ser prisioneiro”, digamos, do que o impede de atingir a união pretendida.

Medicamentos

No que se refere à utilização de medicamentos, este método será utilizado, requerido e direccionado sempre que se pretenda atingir ou modificar determinados objectivos e atitudes, crenças e comportamentos.



Inúmeros são os que defendem que não existem medicamentos que possam tratar indivíduos que apresentem perturbação do espectro do autismo, embora sejam muitas vezes indicados de modo a prevenir/reduzir outros tipos de sintomas presentes nesta população (como a agressividade ou comportamentos repetitivos e estereotipados).

Com resultados bastante positivos terá surgido a fluoxetina, a fluvoxamina, a sertralina e a clomipramina, entre outros, como os neurolépticos e clorpromazina, o haloperidol e a tioridazina).

Deverá ser ainda tido em conta que, cada indivíduo autista irá reagir de modo diferente às medicações ingeridas ou administradas, tal como qualquer outro indivíduo.

Outras Drogas

A marijuana medicinal é apontada como algo miraculoso visto que, contribuí para a diminuição de estados de ansiedade (por vezes severa) e, comportamentos agressivos, ataques de pânico, indivíduos que se auto-magoam, entre outros.

Vitaminas

A ingestão de vitaminas parece ser um óptimo tratamento para autistas pois, consumir a vitamina B6, aliando-a ao Aspartato de Magnésio, terá apresentado resultados bastante satisfatórios. Embora seja um tipo de terapia que deverá ser tida em conta. A Dimethylglycina (DGM) consiste numa substância alimentícia, sendo uma espécie de químico transformado em vitaminas solúveis em água, tal como a vitamina B15. Assim sendo, não é necessária a prescrição médica para a sua utilização podendo até ser adquirida em inúmeros locais relacionados com comida saudável e produtos naturais. A comprovar a sua eficácia surgem comentários de pais de crianças autistas que acreditam que os seus filhos melhoraram no que diz respeito às áreas relacionadas com a comunicação, o contacto visual, níveis de atenção e relações interpessoais (Rimland, 1964).

A ingestão de vitaminas como possível tratamento para autistas poderá incluir a ingestão de vitaminas e minerais ou dietas adequadas ao tipo de distúrbio, bem como injeções de Secretina. No entanto, o sucesso derivado a esta não foi ainda comprovado nem recomendado pela academia americana de neurologia.

Dietas Alimentares



Segundo a Associação Feingold, o adquirir de novas formas de alimentação (as dietas) pode ser importante para indivíduos autistas sendo que, muitos são os que acreditam que uma dieta livre de glúten e caseína será bastante benéfica nestes indivíduos, visto estes últimos serem altamente alérgicos a esses produtos.

Salientaríamos ainda que muitas crianças autistas acabam por revelar progressos significativos e espontâneos sem terem passado por qualquer tipo de tratamento, sendo algo que dificulta mais ainda a escolha de um tratamento adequado para estes indivíduos.

Método ABA

No que concerne ao método ABA (Applied Behavior Analysis ou Análise Aplicada ao Comportamento) este surgiu após terem sido realizados uma série de estudos e comprovada a sua eficácia na educação de crianças que apresentam sinais ou diagnóstico de défices de desenvolvimento, por exemplo. Esses mesmos estudos terão tido como principais objectivos: (a) permitir uma melhoria de comportamentos desadequados; (b) proporcionar todo o tipo de informações; (c) reforçar a conduta considerada ideal; (d) corrigir e redireccionar a conduta desadequada ou incorrecta.

Método TEACCH

O método TEACCH (tal como o método anteriormente referido) consiste também numa metodologia que na maioria dos casos, é aplicada a indivíduos que apresentam o síndrome do espectro de autismo. Poderá dizer-se que é o método mais utilizado pela maioria dos profissionais que lidam com indivíduos autistas.

O TEACCH consiste num método que havia sido desenvolvido pelo Dr. Eric Schopler em 1970, tendo como principal objectivo promover a aquisição de comportamentos socialmente adequados ou modificar os comportamentos desadequados de autistas, de modo a: (a) proporcionar-lhes competências para um vida futura mais autónoma e independente; (b) promover um correcto atendimento por parte dos educadores, familiares e/ou parentes ou amigos próximos de autistas; (c) promover a aquisição de conhecimentos clínicos (teóricos e práticos) acerca do autismo.

As principais prioridades deste método consistem ainda na focalização do indivíduo autista, bem como o criar de um programa organizado e estipulado de acordo com as necessidades e capacidades do indivíduo, acompanhado de uma série de observações e

análises de respostas. Para tal terão sido criadas diversas escalas e testes de avaliação diagnóstica que acabariam por permitir aos terapeutas um melhor acompanhamento do desenvolvimento, mudanças ou problemas que possam surgir no indivíduo autista, sendo mais fácil proceder à estruturação de um plano de intervenção.

Os profissionais que apoiam este método acreditam ser indispensável um atendimento individualizado visto acreditarem que, apesar do autista ser um indivíduo com características específicas e comuns, não terá necessariamente que ser um indivíduo inferior às outras pessoas.

Tal atitude permite ao terapeuta iniciar o processo de intervenção e/ou tratamento a partir do estado em que o indivíduo autista se encontra, colaborando com este de modo a que o mesmo se desenvolva da melhor forma possível. Defendem ainda o ensino estruturado. Isto é, os apoiantes deste método, digamos, salientam a prioridade de existirem certas condições nas salas de aula ou de estudo dos portadores de autismo. Nomeadamente, organizando o meio envolvente e criando rotinas de horário e de trabalho (tendo-se comprovado ser um dado significativo).

No caso da utilização de materiais visuais (fotografias de um livro ou de um menino no W.C, por exemplo) estes muito contribuem para desenvolver capacidades e habilidades em autistas bem como, permitem aos pacientes utilizarem-nas independentemente da intervenção e sugestão do professor, sendo este tipo de intervenção deveras importante para autistas que se atrasam devido à sua incapacidade de trabalhar e organizarem-se de modo autónomo e independente.

Porém, são escassas as informações na área do ensino que expliquem quais as formas mais correctas de ensinar um autista durante o período escolar, não existindo uma maneira de o fazer de forma geral, sendo necessário proceder de acordo com as necessidades e capacidades do indivíduo (alguns autistas são capazes de trabalhar, beneficiando dos programas regulares de educação, outros necessitam de classes especiais).

Segundo o método TEACCH é ainda definida como prioridade a promoção de capacidades e interesses do sujeito autista, ao invés de proceder-se apenas a uma redução dos comportamentos inadequados ou dos défices que apresentam, embora seja importante que a programação para indivíduos portadores de deficiências mantenha um determinado equilíbrio entre a promoção do desenvolvimento de potencialidades e a redução dos défices desses. Assim sendo, este método não se revela muito diferente de

outros programas, embora a grande maioria desses se baseiem apenas na dita redução das deficiências.

A abordagem TEACCH considera ainda relevante dar importância aos interesses individuais de cada sujeito portador de autismo, pois, apesar de poderem parecer interesses muitas vezes especificamente peculiares, serão bastante eficazes para promover a sua motivação e compreensão daquilo que eles realizam. Desta forma, estaremos a permitir que estes indivíduos trabalhem a modificação dos seus comportamentos e atitudes por si mesmos, ao invés de lhes estarem a ser inculcadas actividades que não correspondam aos seus interesses e que não possam compreendê-las.

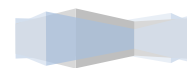
Seria de salientar ainda que, este método poderá revelar mais resultados de eficácia quando aplicado a grupos de idades próximas e em ambientes consistentes, que se baseiam em princípios constantes e não interrompidos ou alterados ao longo do tempo, sendo importante a questão de continuidade. Caso surjam novas propostas de intervenção, tais deverão ser introduzidas de modo vagaroso e só após ser comprovado o seu grau de sucesso.

Por fim, seria importante referir que este método revela a importância da actuação dos pais como possíveis co-terapeutas, devendo estes proporcionar aos filhos autistas um espaço em casa bem organizado e adequado às suas necessidades, contribuindo para a promoção de uma melhoria significativa no que concerne ao dia-a-dia dos seus educandos e diminuição de sintomas.

Após a leitura e descrição de diversos métodos de intervenção e tratamento de autistas, crê-se que a modificação de comportamentos e cognições destes indivíduos são os aspectos fulcrais de todo o rol de tratamento e intervenção. Sabemos também que os seguidores do método Cognitivo-Comportamental têm apresentado imensos resultados positivos na área da intervenção e tratamento das mais diversas situações, sintomas, distúrbios e patologias.

Método Cognitivo-Comportamental

Esta abordagem consiste no produto da combinação de estratégias comportamentais e de processos cognitivos cuja meta será atingir mudanças comportamentais e cognitivas. As terapias cognitivo-comportamentais consistem ainda numa psicoterapia bem estruturada, directa e de curta-duração.



A cognição e o comportamento são as áreas de mudança primárias, segundo a terapia cognitivo-comportamental.

A eficácia deste método terapêutico no tratamento de várias perturbações psicológicas está cientificamente comprovado, sendo que, o seu grau de eficácia é elevado numa larga variedade de perturbações psicológicas, tais como: (a) depressão; (b) ansiedade; (c) sexualidade; (d) fobias; (e) problemas de sono; (f) problemas relacionais; (g) perturbações alimentares; (h) stress; (i) auto-controlo, entre outros.

Poderíamos afirmar que a terapia cognitivo-comportamental tem demonstrado ao longo dos tempos a sua grande eficácia no que concerne a problemas psiquiátricos, educacionais, neuropsicológicos, médicos, entre outros. Provém duma abordagem que tem vindo a evoluir ao longo das últimas décadas, tendo despertado um enorme interesse por parte de uma vastidão de profissionais e, até de pacientes.

Seria importante mencionar que o poder de compra tem vindo a diminuir e a sofrer altos e baixos. Devido à falta de tempo ou recursos financeiros, as pessoas deixam de requisitar ajuda psicológica.

Acompanhando esta situação (se assim poderemos afirmar) a maioria dos pacientes pretende um alívio rápido dos seus sintomas e dor.

No que concerne à terapia cognitivo-comportamental, esta encontra-se voltada para a resolução dos problemas “de momento” do paciente, sendo normalmente de curta duração e com eficácia científica e experimental (ao invés de outras terapias que são de longa duração e a sua eficiência discutível).

Este método terapêutico fornece as “ferramentas” necessárias ao paciente (e à sua família, por exemplo) para que este as possa manejar da melhor forma possível, de modo a proporcionar-lhe bem-estar e alívio dos sintomas.

O principal foco da terapia cognitivo-comportamental consiste no pensamento distorcido digamos, do doente, sendo ainda um método terapêutico que ajuda então, os doentes a modificar o seu modo de reagir perante determinadas situações que ocorrem em seu redor.

Salientar-se-ia então e por fim que, a teoria cognitivo-comportamental será uma abordagem terapêutica disponível, selectiva e que requer do terapeuta: (a) conhecimento teórico; (b) desenvoltura prática; (c) disponibilidade em aprender; (d) flexibilidade verbal, de postura, conceitos e atitudes (Knapp, Rohde, Lyszkowski & Johannpeter, 2002).

Métodos Terapêuticos que Utilizam Animais

Para além dos métodos terapêuticos já referidos no que concerne ao tratamento e intervenção em indivíduos autistas, terá sido defendido por uma grande diversidade de autores e profissionais que terapias com animais são bastante benéficas para a saúde do Homem na grande maioria de casos, independentemente dos indivíduos apresentarem ou não distúrbios, transtornos ou quaisquer perturbações.

Permitir um “diálogo” em que as palavras não surgem como quando dois humanos interagem entre si, poderá equiparar-se à sensação confortável de estarmos no colo da nossa mãe. Aliás, se observarmos uma criança que está apreciando esse mesmo conforto, será notório o brilho dos seus olhos e o seu sorriso, sendo nesse momento que um novo ambiente é criado, um ambiente repleto de afectividade.

Na área da saúde parece estar a surgir um aumento significativo de apostas no que concerne aos benefícios que poderão surgir aos humanos do convívio com animais, como método terapêutico.

Por todo o mundo, vários têm sido os estudos e pesquisas efectuadas que surgem como forma de comprovar se tais métodos terapêuticos (com utilização de animais) serão ou não benéficos para os humanos.

Os mais diferentes indivíduos (idosos, presidiários, crianças que apresentam as mais diversas carências, indivíduos marginalizados, entre outros) têm testemunhado tais factos e permitido comprovar que a interacção homem-animal produz inúmeros benefícios à saúde.

Como será caso disso, alguns pesquisadores da Faculdade de Medicina Veterinária do Brasil, em parceria com a Faculdade de Odontologia, deram inicio em 2003, a um projecto de pesquisa cujo objectivo seria a investigação acerca das reacções que os animais provocavam em crianças com necessidades educativas especiais, cujos diagnósticos consistiam em paralisia cerebral, síndrome de Down e de outros tipos de comprometimento mental.

Terão sido utilizados cães de raça Labradores e Golden Retrievers, cujos proprietários os passeavam pela sala de espera referente à secção de atendimento ao público da Faculdade de Odontologia.



Crê-se que os animais contribuíram para uma certa calma e distração agradável nas crianças, sendo que, outrora, alguns seriam os pacientes que apenas poderiam ser atendidos mediante ingestão de sedativos. Porém, após essa investigação anteriormente referida, tal facto terá sido alterado. As pessoas mais agitadas depositaram a ansiedade nos cães e acabaram por entrar com uma maior tranquilidade na sala de saúde dentária. Essas situações acabariam por provar que será possível reduzir a utilização e consumo de medicamentos, através da utilização de animais.

Os métodos terapêuticos para humanos com utilização de animais, nos Estados Unidos da América encontram-se bastante desenvolvidos. Porém, em Portugal e noutros países do mundo, estarão apenas começando.

Nos E.U.A a integração de animais na vida dos humanos como recurso terapêutico prevalece, tendo até ganho departamentos próprios, visto existirem diversas formas de terapia deste género (terapia assistida e actividades realizadas de modo a entreter e relaxar os pacientes).

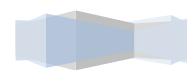
Nestes casos, a terapia animal para humanos poderá apresentar como objectivos a promoção e aumento do grau de motivação das crianças através de exercícios específicos (jogo da bola, entre outros). Estes exercícios contribuem ainda para um desenvolvimento da mobilidade e da linguagem bem como, do desenvolvimento motor, sendo notórios resultados positivos no que concerne ao bem-estar físico e mental das crianças (Dotti, 2005).

Diversas pesquisas comprovaram que quem possui um animal de estimação apresenta-se em menor número em consultas médicas, por exemplo.

Acredita-se ainda que, possuir um animal de estimação permite a prevenção de problemas cardíacos e uma rápida recuperação após uma cirurgia (www2.uol.com.br).

A prática e utilização de animais em pessoas portadoras de necessidades educativas especiais apresenta-se como uma das opções de intervenção ou tratamento mais saudáveis.

Desde há inúmeros anos que temos assistido ao surgir de diversos métodos terapêuticos em que se utilizam animais (como hipoterapia com cavalos ou a delfinoterapia com golfinhos), sendo o objectivo utilizá-los em programas reeducativos e de reabilitação (www.geocities.com).



Em diversos países do mundo existem hospitais que chegam a admitir a presença de animais de modo a auxiliarem os pacientes durante o processo de tratamento a elevar a sua auto-estima (Salama, I, s.d.).

A “Pet-Therapy” (do inglês, terapia através de animais domésticos) surge então como um termo que se acompanha de duas formas distintas de terapia. A primeira consiste apenas no desfrute da companhia de um animal doméstico (um cão, um gato, um pássaro). Esta companhia poderá permitir a obtenção de imensos benefícios quer a nível físico quer a nível psíquico. A segunda, ao contrário, consiste em autênticas terapias de reabilitação com a ajuda de animais não-domésticos (se assim poderemos afirmar) como cavalos, golfinhos, entre outros.

Estas terapias são coordenadas por uma equipa médica multidisciplinar (médicos, psicólogos, pedagogos, instrutores, terapeutas especializados, treinadores dos animais, veterinários, entre outros) e apoiadas (na sua grande maioria) através de outros tipos de tratamentos, sendo especialmente indicadas a indivíduos que apresentem deficiências, distúrbios e problemas graves a nível físico e psíquico.

A pet-therapy consiste então num método de cura que aproveita as vantagens que as relações e interações entre homem- animal (proximidade táctil e visual) providenciam, reforçando o trabalho dos especialistas e oferecendo o seu apoio nos tratamentos médicos e psiquiátricos tradicionais. O termo pet-therapy terá sido utilizado em 1953 pelo pedopsiquiatra norte-americano Boris Levison, após ter vivido uma experiência curiosa durante uma consulta. Nessa, encontrava-se uma criança que apresentava como diagnóstico o síndrome do espectro autista (cujas características de “corte” com a realidade externa foram mencionados). O cão de estimação do médico também se encontrava presente, tendo sido ponto de atenção por parte do jovem paciente e tendo ainda provocado um desejo de interagir com o animal. O médico, perplexo, havia observado o comportamento da criança e denotado que essa apresentava uma reacção positiva no que concerne ao contacto com o mundo exterior, graças à presença e participação do cão.

Assim sendo, podemos afirmar que o contacto com animais proporciona variadas emoções positivas, sendo como que um “antídoto” que reage contra as enfermidades.

Sabemos no entanto que os animais não apresentam capacidades e poder de cura como um médico especializado. Porém, graças ao seu afecto e amor incondicionais, favorecem o relaxamento e a estabilidade bem como, poderão ser grandes companheiros

perante situações críticas da vida pessoal de determinados pacientes (solidão, depressão, por exemplo).

No caso de indivíduos que apresentem sintomas de depressão, os animais poderão permitir esses sejam melhor tolerados e até “aniquilados”. No que concerne a indivíduos que apresentem características de timidez, os animais poderão contribuir para uma estimulação do carácter social.

Perante sintomas de agressividade num indivíduo, a presença de um animal poderá ajudar a controlar esses mesmos comportamentos, bem como permitir um certo grau de relaxamento em indivíduos nervosos. Acredita-se até que a presença e interacção com animais poderá permitir a normalização da pressão arterial em indivíduos hipertenso.

Ou seja, os efeitos da interacção com animais pode ser maioritariamente útil em relação a uma prestação de ajuda ao Homem e permitir que este se aceite a si próprio, visto que os animais aceitam as pessoas tal qual com elas são, sejam essas altas, magras, gordas, pobres, ricas, entre outros.

Seria importante salientar que, até em momentos em que as pessoas se encontram mais carentes, os animais são perfeitamente capazes (na sua maioria) de devolver os seus afectos como forma de apoio, especialmente quando não nos encontramos nos nossos melhores dias.

Para percebermos melhor os efeitos positivos que a companhia e presença dos animais pode proporcionar-nos, poderíamos resumir essa interacção em três pontos fulcrais:

estímulo psicológico: cuidar de um animal alivia o sentimento de solidão, preenche os espaços vazios da vida. A interacção com um cão, por exemplo, oferece estímulos que permitem a possibilidade do indivíduo interagir com o mundo exterior e que o rodeia, ajustando as relações e criando novas amizades e interesses. Um cãozinho por exemplo, estará sempre disposto a “abandar a cauda” quando o seu dono chega, o que por um lado poderá contribuir para o afastamento da sua mente de pensamentos negativos;

estímulo lúdico: um animal poderá ser um companheiro de jogos e brincadeiras que permite que nos mantenhamos em actividade e divertimento, melhorando ainda o humor de quem consigo se diverte, por exemplo. A alegria e as gargalhadas relaxam-nos e aumentam as defesas naturais do nosso organismo. O comunicar com os animais surge como que imediatamente e estes, parecem saber perdoar, escutar, esperar;



encorajamento físico: por estarem sempre dispostos para a brincadeira e em constante movimento, os animais permitem e encorajam os indivíduos que consigo interagem a manterem-se em actividade física constante, o que contribuirá para combater uma vida sedentária e evitar depressões. Ao nível psicológico um animal poderá prestar uma ajuda bastante útil no que concerne ao tratamento de alguns transtornos comportamentais (especialmente em crianças), tais como défices de socialização, constância de comportamentos de ordem agressiva, défices escolares ou até baixa auto-estima.

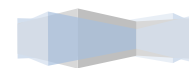
O acto de afagar um animal permite ao indivíduo exteriorizar os afectos que sente por esse, sendo notória uma capacidade de interagir despertando o desejo de tornar a contactar com outras pessoas. Por exemplo, o facto de ter de alimentar e de tratar do animal também poderá contribuir para que o seu dono sinta necessidade de cuidar de si mesmo. Ainda no que concerne à alimentação dos animais, ao alimentá-los, preparar-lhe a comida e respeitar os seus horários poderá promover um aumento do interesse pela própria alimentação, prevenindo assim alguns transtornos alimentícios. Além disso, ter presente os horários e as necessidades do animal também constitui um bom exercício para a memória e a concentração.

No que concerne ao campo médico, um animal poderá ser bastante útil perante momentos de convalescência no tratamento de alguns transtornos e doenças.

Segundo o ponto de vista científico, ainda não terá ficado bem claro quais os mecanismos que actuam sobre o nosso organismo embora o contacto com animais terá já demonstrado resultados bastante significativos para os seres humanos. Por vezes, parece-nos crer que bastará apenas a sua presença para que sintamos uma sensação de bem-estar e calma, contagiando quem se encontre ao nossalado.

A TACA (siglas espanholas referentes à Terapia Assistida Com Animais) terá demonstrado excelentes resultados no que concerne ao tratamento da hipertensão tendo referido que receber afecto de um animal poderá provocar um efeito relaxante que ajudará a manter a pressão sanguínea (Salama, s.d.)

Porém, os benefícios da interacção animal irão estender-se até a indivíduos que apresentam problemas cardíacos, até do ponto de vista da prescrição para a recuperação de indivíduos que haviam sofrido um enfarte.



Por outro lado, o bom humor que a sua companhia gera irá estimular a produção de endorfinas (substâncias segregadas pelo cérebro que influenciam as emoções) que reforçam as defesas naturais do organismo e o protegem.

No que concerne ao nível psiquiátrico e neurológico, acredita-se que utilizar animais em terapias poderá contribuir ainda para o tratamento de vários transtornos psiquiátricos (depressão, esquizofrenia, Alzheimer e, a ansiedade em algumas formas de neuroses).

Quanto à escolha do animal adequado para este tipo de terapias estes poderão variar entre cães, gatos, peixes, pássaros, entre outros (Salama, s.d.).

Para além das universidades investirem em estudos e pesquisas relacionadas com as terapias assistidas por animais, surgem outros programas dirigidos por diversos profissionais da área da saúde que também utilizam os animais para promover bem-estar aos seres humanos (Actividades Assistidas por Animais).

A psicopedagoga Santos. L (s.d.) que, coordena na Fundação Selma em São Paulo (Brasil) um serviço de Equoterapia para pacientes de reabilitação física, começou por usar cães, ratos, coelhos, porquinhos-da-índia e até algumas aves para auxiliá-la no trabalho com crianças e adolescentes e referiu:

Nos últimos dez anos, vi que os animais tornavam o trabalho mais atractivo e que podiam ser usados para auxiliar no tratamento de problemas de linguagem, de percepção corporal e de controle da ansiedade. A experiência mostrou-se promissora no tratamento de crianças com hiperactividade e com quadros depressivos. (..) Como acontece com crianças hiperactivas, controlar a velocidade do cavalo, por exemplo, pode ensinar-lhes a lidar com a ansiedade" (Pará. XIV) .

Santos. L (s.d.), (que também trabalha com cavalos) salientou ainda que, esses métodos trazem novas formas de socialização, autoconfiança e elevam a auto-estima.

Segundo a pediatra da Santa Casa de São Paulo, Gutierrez, T. (s.d.), esta afirmou que a visita e companhia dos animais para além de ser algo atractivo, tem um determinado valor positivo e grau de importância no que diz respeito à saúde das crianças. Gutierrez referiu ainda estar ciente de que diversas pesquisas comprovaram que boas emoções acabam por ser benéficas para o sistema imunológico.

A médica acredita ainda que a visita gera bons frutos no ambiente hospitalar, interferindo no humor não só dos pacientes mas de enfermeiros e médicos.

Também os golfinhos marcaram a vida dos humanos que com estes conviveram. A capacidade comunicativa que estes animais conseguem manter com os humanos é incrível, sendo desta relação espectacular que acabou por surgir a DelfinoTerapia.

Este método terapeutico com golfinhos permite tratar crianças que apresentam transtornos e déficits psíquicos e sensoriais, bem como indivíduos que se encontram em periodos de reabilitação de adicção de alcool ou drogas.

Actividade Física e Desportiva

Quando nos referimos aos estágios evolutivos do desporto para indivíduos portadores das mais diversas deficiências muitos serão os estudos que evidenciam que o desporto possui determinada importância significativa ao nível terapêutico para estes, tendo sido realizadas várias experiências que visavam a estimulação anatômica e fisiológica destes sujeitos.

O desporto acaba por ser também deveras importante ao nível psicológico pois, através da sua prática, indivíduos portadores das mais diversas incapacidades e défices poderão evidenciar e provar à sociedade em que se encontram inseridos que podem ser bons desportistas, promovendo o desenvolvimento da sua própria imagem e aumento de auto-estima.

A prática desportiva contribui para que estes sujeitos elevem as suas forças morais e interiores de modo a tornarem as suas vidas úteis e pouco sedentárias.

Segundo a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade (1999, cit. por Lermontov, 2004):

A psicomotricidade (...) é a ciência que tem como objecto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como as suas possibilidades de perceber, actuar, agir com o outro, com os objectos e consigo mesmo.

Podemos até afirmar que a prática desportiva e a motricidade permitem a passagem por diversas fases quer educativas, quer terapêuticas em indivíduos com níveis de competências reduzidos. A actividade física poderá surgir então como que um método terapêutico que apresenta todas as condições para a recuperação e prevenção dos sujeitos dos pacientes que a praticam.

Após pesquisas e experiências realizadas pela ANDE-Brasil (1999) concluiu-se que a prática de desporto pode assumir, digamos, um papel quer fisiológico, quer preventivo, quer psicológico.



Segundo Haracopos (1989), os objectivos a atingir em exercícios físicos e prática de desporto em autistas não deverão apenas reduzir-se ao ensino de movimentos mas sim, na utilidade que estes poderão proporcionar à vida dos indivíduos autistas, promovendo um possível avanço no que concerne à adaptação, melhorar as interacções sociais e qualidade de vida destes indivíduos.

Abordagens de Tratamento do Autismo

Treinamento dos pais

A participação dos pais e dos familiares é considerada um elemento essencial nos programas de intervenção para crianças com autismo. O pressuposto básico do treinamento comportamental dos pais, é que o comportamento das crianças é aprendido e mantido através de contingências dentro do contexto familiar, e que os pais podem ser ensinados a mudar essas contingências para promover e reforçar o comportamento adequado.

Evidências envolvendo crianças apóiam a recomendação de treinamento para os pais como um método efetivo para o aumento de habilidades sociais. No entanto, a maneira com a qual os pais são incorporados no processo de intervenção é importante, assim como a individualização do programa de educação parental para se considerar diferentes circunstâncias e necessidades familiares; nem todos os pais se beneficiam dos programas de educação parental comportamental tradicionais. A educação parental parece funcionar melhor com adultos altamente motivados e com bom funcionamento, que não estejam lidando com estresses de vida ou estresses psicológicos adicionais, o que interfere na aquisição e na implementação de estratégias parentais positivas.

Análise Aplicada do Comportamento

A Análise Aplicada do Comportamento (ABA – Applied behavior analysis) é a ciência da mudança de comportamento na qual procedimentos oriundos dos princípios da aprendizagem operante são aplicados para melhorar o comportamento socialmente adaptável e a aquisição de novas habilidades através de práticas intensas e reforço direcionado. A ABA utiliza um processo que começa com o desenvolvimento de planos de tratamento, mostrando o motivo e a função de excessos e deficiências de comportamento, seleção de técnicas apropriadas, e modificação e avaliação contínuas do tratamento através de coleta de dados sistemática. As avaliações funcionais de comportamento são um conjunto de avaliações de estratégias que fornecem informações sobre as variáveis associadas com um comportamento específico. As técnicas de aprendizado operantes usadas na intervenção da ABA para crianças com TEA são:

- Reforço positivo: uso de prêmio, lanche, comida, brinquedos para aumentar comportamentos desejáveis;

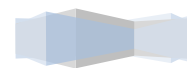
- Moldagem: recompensa por aproximações ou componentes de um comportamento desejável, até que esse comportamento almejado seja alcançado;
- Desvanecimento: redução de instruções para aumentar a independência;
- Extinção: remoção de reforço, mantendo um problema comportamental;
- Punição: aplicação de estímulo indesejável para reduzir problemas comportamentais;
- Reforço diferencial: reforço de uma alternativa socialmente aceitável ou a falta de um comportamento;

Programas de intervenção baseados na ABA são atualmente vistos como tratamentos de primeira linha para o TEA no início da infância. Tanto o modelo UCLA/Lovaas quanto o Early Start Denver Model (ESDM), que são programas amplos na intervenção precoce, criados na estrutura da ABA, possuem relatórios de pesquisas de alta qualidade documentando suas eficácias, especialmente na melhoria do desempenho cognitivo, habilidades lingüísticas, e comportamento adaptativo. No entanto, nos primeiros estudos avaliando os benefícios do ESDM, mesmo depois de dois anos de intervenção intensiva (com mais de 20 horas semanais), todas as crianças no grupo de tratamento ativo ainda atendiam aos critérios do TEA, documentando o desafio da melhora de déficits sociais. A Intervenção Comportamental Intensiva Precoce (EIBI – Early Intensive Behavioral Intervention) é uma estratégia utilizada nos estudos Lovaas e é o modelo ABA com o suporte empírico mais forte até o momento. A EIBI utiliza abordagens de ensino operantes para reduzir problemas comportamentais e formação de julgamento discreta para desenvolver novas habilidades, como atenção, imitação, recepção/expressão de discurso e competências para a vida. As principais características do EIBI são:

- Foco no desenvolvimento precoce (crianças com menos de 5 anos de idade);
- Intensidade (instruções individuais ou em pequenos grupos, de 20 à 40 horas por semana);
- Métodos direcionados à adultos;
- Abordagem sistemática (dividindo habilidades em componentes básicos);
- Caráter abrangente (ex. os objetivos incluem comunicação, socialização, comportamentos adaptativos, comportamentos problemáticos).

Tratamento e Educação para Crianças Autistas e Crianças com Déficit relacionados com a Comunicação (TEACCH)

O TEACCH é um serviço clínico e programa de treinamento profissional baseado na sala de aula, desenvolvido na Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, e iniciado em 1972 por Eric Schopler. Esse programa tem sido amplamente incorporado nos contextos educativos norte americanos, e tem contribuído significativamente para uma base concreta de intervenções do autismo. A abordagem do TEACCH é chamada de estrutura de ensino porque tem como base a evidência e a observação de que indivíduos com autismo compartilham um padrão de comportamentos, como as formas que os indivíduos pensam, comem, se vestem, compreendem seu mundo e se comunicam. Os mecanismos essenciais da estrutura de ensino consistem na organização do ambiente e atividades de maneiras que possam ser compreendidas pelos indivíduos; no uso dos pontos fortes dos indivíduos em habilidades visuais e



interesse em detalhes visuais para suprir habilidades relativamente mais fracas; no uso dos interesses especiais dos indivíduos para engajá-los no aprendizado; e apoio ao uso de iniciativa própria em comunicação significativa.

Terapia cognitivo-comportamental (TCC)

Um crescente número de relatórios começaram a fornecer evidências moderadas para a eficácia da abordagem da TCC para crianças em idade escolar e jovens adolescentes com TEA. Melhoras na ansiedade, na auto-ajuda e nas habilidades do dia-a-dia têm sido relatadas, com 78% das crianças de 7 a 11 anos no grupo tratado com a TCC classificadas com uma resposta positiva em um teste. Tais descobertas encorajam a consideração de abordagens da TCC modificadas para abordar a ansiedade em crianças com TEA que tenham alto nível funcional, o que é importante, considerando que de 30 a 40% das crianças com TEA relatam níveis altos de sintomas relacionados à ansiedade.

Tratamento farmacológico para sintomas-alvo

O tratamento farmacológico no TEA é altamente empregado como uma abordagem de tratamento adjuvante na maioria dos indivíduos com TEA ao longo da vida. As melhores metas estabelecidas pela farmacoterapia são para controlar sintomas-alvos associados, como a insônia, hiperatividade, impulsividade, irritabilidade, auto e hetero agressões, falta de atenção, ansiedade, depressão, sintomas obsessivos, raivas, ataques de cólera, comportamentos repetitivos ou rituais. Inúmeros estudos têm relatado um aumento na prevalência de comorbidades psiquiátricas nessa população. Até o momento, não há medicações disponíveis para tratar os déficits sociais e de comunicação centrais do autismo, embora este seja um assunto de intensos esforços na pesquisa, com agentes como arbaclofen, ocitocina, e mGluR5, antagonistas como exemplos de potenciais tratamentos modificadores de desordem sob estudo.

Com base nos relatos dos pais, os comportamentos mais difíceis das crianças com TEA são limite baixo para frustrações, distração, irritabilidade, falta de atenção, hiperatividade, repetição compulsiva, isolamento, instabilidade de humor e movimentos de mãos estereotipados.

A TEA representa uma grande preocupação na saúde pública como sendo um distúrbio do desenvolvimento neurológico prevalente, com risco acentuado para a falha de adaptação em situações sociais, educacionais e psicológicas. Porque a identificação de atrasos e desvios da TEA são possíveis desde os 18-24 meses de idade, pediatras devem se esforçar para identificar e começar a intervenção em crianças com TEA tão cedo quanto os sinais se manifestarem. Escalas e instrumentos específicos devem ser usados para avaliar manifestações clínicas, e guiar a construção e monitoria de programas de tratamento abrangentes. Uma verdadeira recuperação do autismo não foi relatada na história, mas terapias educacionais, psicossociais e linguísticas, frequentemente combinadas com tratamentos adjuvantes, como terapia com drogas para sintomas específicos, estão bem estabelecidas para seus benefícios no TEA. A natureza complexa e persuasiva do TEA requer uma equipe de múltiplos profissionais para um diagnóstico apurado e cuidados clínicos.

In <http://autismo.institutopensi.org.br/>

